

A Bruxa Onilda e sua trajetória heróica: uma representação da bruxa como herói na literatura infantil¹

letrônica

Paloma Esteves Laitano*

Depois daquele fracasso, decidi fugir de casa.
Deixei uma carta para minha mãe e fui conhecer
o mundo. Resolvi que só voltaria quando
fosse uma bruxa famosa.
(Bruxa Onilda)

A figura do herói aparece desde os primórdios das narrativas quando estas ainda eram transmitidas através da oralidade e, por isso, está presente na literatura universal de todas as gerações e de diferentes culturas. O herói é a personagem principal de um relato que transita entre a fantasia - a história e suas aventuras - e a realidade, que diz respeito a identificação da personagem com o leitor. Temos, nessa perspectiva, e considerando especificamente a literatura infantil e juvenil, a representação de alguns heróis que servirão de exemplo para a análise atual, tais como: Patinho Feio, Aladim, Cinderela, entre outros.

O herói das histórias infantis contemporâneas apresenta características que se incorporam àquelas tradicionais, presentes na figura mítica e nos heróis dos contos de fadas, ou seja, essa personagem vem enfrentando a sociedade a qual pertence e questionando as regras por ela ditada. Considerando a figura do herói, o presente estudo buscou, na representação da bruxa – recorrente na literatura universal e na literatura infantil e juvenil – as características inerentes à figura heróica e como elas foram transpostas na contemporaneidade.

A figura da bruxa é presença constante na literatura infantil sendo, muitas vezes, personagem principal de histórias que conquistam e agradam leitores de diferentes culturas e idades. Considerando a importância do papel do herói nas narrativas dirigidas ao infante, uma vez que é com a sua jornada e as suas ações diante das dificuldades que o leitor se identifica, esse ensaio busca analisar em que medida a representação da bruxa, aqui direcionada para a

¹ Ensaio de conclusão da disciplina de Literatura Infante-Juvenil(2008/1), a cargo da Profª Dr. Vera Teixeira de Aguiar.

* Mestranda em Teoria da Literatura pela PUCRS. Bolsista CAPES do projeto de pesquisa Memórias de Infância: a gênese da vida literária, orientado pela Dr. Sissa Jacoby. (palomalaitano@terra.com.br)

personagem da **Bruxa Onilda**, apresenta as características do herói e, assim, como suas ações podem proporcionar uma identificação entre o leitor infantil e suas histórias.

A Bruxa Onilda é a personagem principal de uma série de narrativas escritas por Enric Larreula e ilustradas por Roser Capdevila, autores catalães, que, em suas histórias, narram as aventuras dessa personagem que, apesar de estar munida de poderes mágicos, enfrenta, constantemente, alguma dificuldade. Seus problemas ou situações difíceis são, muitas vezes, oriundos justamente do uso incorreto de sua magia, ou então, das atrapalhões que a personagem, por inocência, acaba realizando.

Com o objetivo de identificar nessa personagem as características e ações que estão presentes no herói, será foco do estudo sua trajetória em seis de seus livros: *As memórias da Bruxa Onilda* (1998), *A infância da Bruxa Onilda* (2002), títulos que serão utilizados para falar sobre o nascimento do herói e seus primeiros anos, constituindo a fonte primeira da formação da heroína; e, *Bruxa Onilda vai à festa* (1999), *As férias da Bruxa Onilda* (1997), *Bruxa Onilda vai à Inglaterra* (2003) e *Bruxa Onilda vai à Nova Iorque* (2004), histórias que apresentam a bruxa já adulta e que possibilitam a análise de sua trajetória heróica.

A personagem Bruxa Onilda

Bruxa Onilda é a personagem principal de uma série de livros infantis que faz sucesso entre as crianças e, portanto, protagoniza histórias realmente consumidas pelo público infantil. Ao considerar a representação da figura da bruxa, estamos partindo, segundo afirma Beth Brait (1990), quando menciona Aristóteles, da construção da personagem como reflexo do ser humano e que, dentro de uma narrativa, obedece e é regida por certas leis inerentes ao texto. Ao tratar a personagem, neste caso a Bruxa Onilda, como reflexo de certos aspectos, atitudes, características do homem, devemos considerar o fato de que o leitor, no caso a criança, irá se identificar com essa representação. Esse diálogo entre as histórias – e a própria personagem – e o infante se vê traduzido no número de livros que protagoniza,² e, principalmente, no fato de seu surgimento ter ocorrido primeiramente em outra história – na qual era uma personagem secundária – e, posteriormente ter passado a atuar em narrativas que a trouxessem como protagonista.² Além dos fatores mencionados, é notória a disseminação e

² Em espanhol são 23 títulos, e traduzidos para o português, todos pela Editora Scipione são 15 títulos.

² Bruxa Onilda apareceu, inicialmente, como personagem secundária das histórias de suas sobrinhas, *As Trigêmeas*. Tais personagens vivem histórias, juntamente com a sua tia bruxa, nas quais visitam os contos de fadas, como *Cinderela*, *Barba Azul* ou clássicos da literatura, tais como *Romeu e Julieta* e *As viagens de Gulliver*. As aventuras das sobrinhas, além de serem narradas em livros são, também e primeiramente, uma série de desenhos infantis. No Brasil, os programas são transmitidos pelo canal Futura.

a abrangência de suas narrativas, uma vez que seus livros são traduzidos não só para o português, mas também para o inglês, por exemplo.

Considerando-se a idéia, sugerida por Brait, de que é através da construção do autor que o texto literário vai sendo formado e, assim, as personagens passam a existir dentro do universo de ficção, é importante ressaltar a opção do discurso da narrativa da qual os autores das aventuras de Bruxa Onilda fazem uso ao construir sua série de livros.

As histórias da bruxa são narradas através das memórias registradas em um diário, temos, portanto, um discurso memorialístico. Nesse sentido, a própria personagem é responsável pelo relato de suas aventuras e, assim, ainda segundo Brait, a história é narrada expondo os acontecimentos que formam a vida da personagem na seqüência em que eles acontecem flagrando a existência da personagem nos momentos decisivos de sua existência, ou pelo menos nos momentos registrados como decisivos.³

Pelo fato das narrativas da Bruxa Onilda serem apresentadas aos leitores como memórias, suas histórias estariam recriando algo que se passou. Segundo Vigoskii,³ a memória tem a função de recriar situações, portanto, a imaginação e a fantasia são a base de toda a criação artística, eis, portanto, a importância das aventuras vivenciadas e da carga fantástica impressa nelas.

A explicação para a forma narrativa que está sendo utilizada aparece na orelha de todos os seus livros e, segundo consta ali, tais memórias foram encontradas dentro de um baú por um antiquário que, mesmo tendo dedicado anos de sua vida para tentar traduzir os garranchos estranhos e misteriosos, não obteve sucesso. O conteúdo do diário só teria sido decifrado pelo mago Magicus Tremendus e, segundo consta, esta descoberta foi considerada muito importante por todos os sábios do mundo, porque Leonilda Caldeira (dona do diário), mais conhecida como Bruxa Onilda, era uma das últimas representantes das bruxas da velha escola de magia.

Portanto, antes mesmo de começarmos a ler suas histórias, temos algumas informações importantes: a primeira diz respeito a temporalidade daquilo que está sendo contado, ou seja, apesar das aventuras da bruxa ocorrerem, muitas vezes, em locais conhecidos e de fácil identificação para o leitor, como Nova Iorque e Inglaterra, são vivenciadas em tempos remotos. Temos assim uma personagem que transita entre o lúdico e o real. Ao escolher narrar a história em primeira pessoa, dando à personagem a liberdade de se

³ VIGOSKII, L. S. *La imaginacion y el arte em La infância*. Madrid: Akal, 1982.

expressar, a intenção do autor é de presentificar a personagem, expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o ‘vivido’.²

Ainda nesse texto é apresentada ao leitor uma informação que diz respeito, não só à personagem, mas também à construção da figura desta heroína: segundo os sábios de todo o mundo, Bruxa Onilda teria sido a última grande bruxa, o que lhe confere uma importância e superioridade.

Com base na idéia sustentada por Carol S. Pearson (1997), ao dizer que a figura do anti-herói vem substituindo a do herói na literatura contemporânea, ou seja, o herói presente na literatura atualmente é anacrônico, temos a essa figura representada pela personagem da Bruxa Onilda, com ações e jornadas que a caracterizam, mas sem o arquétipo que é, geralmente, relacionado a ele: o de guerreiro. No entanto, no decorrer do estudo, poderemos perceber que, em certas histórias, a personagem apresenta características que podem, em determinados aspectos, serem relacionadas com esse arquétipo.

No presente estudo, a Bruxa Onilda será analisada e considerada como o herói de seus livros, essa perspectiva será perseguida ao se pensar na personagem de duas maneiras particulares que juntas traçaram a trajetória da heroína e, individualmente, apresentaram características importantes na constituição aqui pretendida.

Buscaremos, portanto, preencher as características e traçar seu perfil, porém, ainda segundo as considerações levantadas por Pearson (1997), a mulher geralmente não preenche as características do arquétipo de guerreiro, que está intimamente ligado com a figura do herói clássico, nesse caso Onilda poderá ser considerada, em certas passagens de suas narrativas, ainda segundo o autor, como um anti-herói ou um herói anacrônico. No entanto, tal conclusão só será possível após o estudo de sua jornada e a análise de suas ações, feitos e conquistas.

Nesse sentido, ao se analisar seis dos títulos que narram as aventuras da bruxa, buscou-se perceber como a construção dessa heroína aconteceu, levando-se em consideração as diferentes aventuras por ela narradas individualmente e, também, o diálogo possível de ser estabelecido entre uma história e outra, bem como as diferentes situações, motivações e soluções encontradas pela personagem, a fim de se formar uma análise final da trajetória desse herói. Ao se propor esse diálogo entre as histórias, retomamos aqui a trajetória de Aladim, que tem suas aventuras narradas em diferentes contos e, que juntos, formam esse herói. O mesmo ocorre com a personagem das histórias populares brasileiras, Pedro

² BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios)

Malasartes que, também, está presente em de mais de uma história e, assim, constrói sua trajetória heróica.

O nascimento e a infância herói

A bruxa heroína mesmo mantendo várias características desse arquétipo, apresenta características particulares e que serão fundamentais para a análise aqui pretendida. Além do estudo aqui realizado considerar uma bruxa como personagem passível de ocupar o papel de herói de uma história, essa é uma heroína, ou seja, uma personagem feminina o que, segundo Pearson, não se constituía em uma situação comum, uma vez que tal papel era, mais comumente, representado pelo homem.

Segundo Lutz Muller (1997), que estabelece alguns percursos inerentes ao herói, a figura heróica tem início já no momento de seu nascimento sendo o período da infância aquele no qual muitas de suas características inerentes podem ser percebidas. Partindo desse pressuposto, analisaremos as circunstâncias que envolveram o nascimento da Bruxa Onilda, bem como os acontecimentos que fizeram parte da sua infância.

O nascimento da bruxinha é relatado no livro *As memórias de Bruxa Onilda*³ e, como o surgimento do herói mítico, tem características peculiares. Ainda segundo Muller (1997), o momento em que o herói é inserido no mundo é envolto por uma grande carga, ou seja, pode ocorrer em um lugar secreto ou possui alguma outra característica especial. No caso de Bruxa Onilda, seu nascimento já suporta uma grande carga antes mesmo de ocorrer, isso porque a mãe de Onilda pertencia a uma grande família de bruxas e bruxos, que já estava quase se acabando. Precisava urgente de um herdeiro!

A passagem acima ilustra dois fatores importantes na constituição do herói: o primeiro reside no fato de que o futuro filho, bruxo, será o responsável em dar continuidade a uma família tradicional de feiticeiros e o segundo diz respeito a carga de expectativas que condiciona o surgimento dessa criança e que, nesse caso, também inicia antes mesmo do nascimento da criança. No que tange à transmissão de virtudes, conhecimentos e poderes e, portanto, evidencia o fato dos ancestrais da Bruxa Onilda serem bruxos de grande valor, e o nascimento de um herdeiro faria com que a família continuasse a existir e não se perderiam os grandes conhecimentos e poderes acumulados durante milhares e milhares de anos por seus antepassados. Sua mãe era uma grande feiticeira, o que fica evidente no livro *A infância de Bruxa Onilda*,⁴ quando, ao falar de seus aprendizados como bruxa, a narradora ressalta a

³ LARREULA, Enric. *As memórias da Bruxa Onilda*. São Paulo: Scipione, 1998.

⁴ LARREULA, Enric. *A infância da Bruxa Onilda*. São Paulo: Scipione, 2002.

importância dos feitiços de sua progenitora relatando que todos os dias um grande número de pessoas esperavam que minha mãe, com suas poções mágicas, resolvesse os seus problemas.

Bruxa Onilda teve seu nascimento programado e muito bem planejado, com objetivo de transformar a futura bruxa na melhor representante de sua espécie, ou seja, Onilda seria a melhor bruxa do mundo. Seu nascimento, assim como em outras narrativas como no caso do Pequeno Polegar, dos Irmãos Grimm, foi ansiosamente esperado pela família. Segundo a própria Bruxa Onilda narra em seu livro de memórias, sua mãe consultou vários livros e com a ajuda de suas tias-avós, descobriu quais seriam as melhores condições astrológicas, geográficas e meteorológicas. Bruxa Onilda nasceu no lugar ideal, a copa de uma árvore, no entanto, acabou nascendo dois dias antes da data perfeita, fator esse que será a justificativa para as dificuldades que a bruxa enfrentará durante sua vida. A própria personagem se posiciona à respeito foi um desastre! Por causa da diferença de dia e hora, os astros não estavam na posição correta para eu nascer. Por isso, sempre tive de enfrentar tantos problemas a minha vida inteira.

Segundo os estudos sobre a figura do herói, este pode ter uma marca já no momento de seu nascimento que vai ser responsável por sua identificação, como é o caso do Patinho Feio que, antes mesmo de nascer, estava no maior ovo e, quando nasce, era o maior e o mais feio da ninhada. Tal marca também está presente no nascimento da Bruxa Onilda uma vez que ela já nasce de roupa de bruxa, inclusive com o chapéu pontudo,⁵ esse fator nos permite pensar que a recém-nascida será, realmente, alguém com características especiais.

É também na infância que a Bruxa Onilda vai encontrar seu fiel companheiro de aventuras, Olhona, a coruja que estará sempre presente nas histórias vividas por Onilda. A presença de um animal como fiel companheiro é uma das fases que Müller apresenta como inerentes ao percurso do herói. No caso das histórias da Bruxa Onilda, vale ressaltar aqui a importância das ilustrações,⁶ isso porque, a coruja não é personagem atuante nas narrativas, em nenhum dos títulos utilizados para a análise; porém sua presença é constante nas ilustrações dos livros. Pensando as narrativas aqui estudadas como exemplos de livros mistos nos quais, segundo Ricardo Azevedo

(..) texto escrito e imagens dividem em pé de igualdade essa espécie de palco que é o livro. Aqui, ambos são protagonistas e atores principais. Nesse tipo de livro, texto e imagem estão nivelados, são absolutamente complementares e atuam sinérgica e dialogicamente. Pode-se dizer que o “texto” do livro é constituído pela soma do

⁵ Essa constatação pode ser feita através da análise das ilustrações que, como veremos mais adiante, têm papel importante em determinados momentos das histórias.

⁶ Não só neste momento, mas em várias passagens das aventuras, as ilustrações de Roser Capdevila são fundamentais para preencher certas lacunas deixadas pelo texto.

texto escrito e das imagens. Num caso assim, não faz sentido pensar no livro publicado sem o texto ou sem as imagens.⁷

Ainda segundo Müller, o herói conta com o auxílio de mestres que irão ajudá-lo a aperfeiçoar suas habilidades. No caso da Bruxa Onilda, as habilidades que devem ser aperfeiçoadas são as de bruxaria e tais ensinamentos ficaram por conta de sua mãe e de suas tias-avós que também serviam de cobaia para os experimentos da pequena bruxa. Quando Bruxa Onilda vai à escola, relato que está presente no livro *A infância de Bruxa Onilda*, ela se descobre muito diferente dos demais colegas, e, após destruir o prédio da escola, decide que o melhor é aprender as coisas no castelo.

É nesse momento que tem início a busca por conhecimento e a primeira jornada realizada pelo herói. No capítulo “Aprendiz de bruxa”, presente no livro sobre sua infância, a bruxinha decide sair de casa, juntamente com Olhona, para conhecer o mundo. Segundo ela, só voltaria quando fosse uma bruxa famosa. Encontramos aqui a necessidade que a criança tem de aprender e crescer, a saída de casa mostra uma tentativa de rompimento com a família, fator esse que não vai se consolidar porque a Bruxa Onilda não está ainda preparada para enfrentar seus desafios, ela ainda encontra-se no estágio de órfão, ou seja, como define Pearson, busca a segurança, principalmente com relação a suas virtudes como bruxa. Como ainda não está preparada para seguir seu próprio caminho e, neste caso, passar para o estágio de nômade, encontra o refúgio na figura da mãe, ao voltar para casa e, esta lhe dá um presente mágico: uma bola de cristal, agora sim, após a ajuda de um sábio, a mãe aqui representa a figura do ancião que é quem auxilia o herói, a bruxinha está preparada para iniciar sua jornada heróica.

A trajetória do herói: dentro da narrativa e entre as histórias

Ao estabelecer o percurso que a heroína vai percorrer e buscar relacionar as peripécias enfrentadas pela heroína àquelas com as quais o herói mítico se depara, encontramos uma primeira constatação que será considerada nesse momento da análise e que resulta da escolha que se fez em percorrer a trajetória de uma personagem que é protagonista de diversas aventuras.

Nesse sentido, consideraremos o percurso e a construção do herói de duas maneiras, quais sejam, de forma diacrônica e sincrônica, ou seja, entre as histórias narradas⁸ e dentro de cada história. Essa abordagem se justifica uma vez que as aventuras da Bruxa Onilda podem

⁷ AZEVEDO, Ricardo. *Diferentes graus de relação entre texto e imagem dentro de livros*. <http://www.ricardoazevedo.com.br/artnew02mfim.htm> (acessado em junho/2008)

⁸ É importante ressaltar que as histórias, assim como mencionado anteriormente, ao serem analisadas em conjunto, irão formar e organizar a trajetória da heroína.

ser consideradas independentemente e coletivamente, como faremos, pois é possível perceber a travessia da heroína por diferentes etapas em cada história e estabelecer uma evolução do herói no decorrer das histórias aqui analisadas.

Assim, ao pensarmos que as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção,⁹ pode-se estabelecer uma relação entre as aventuras vivenciadas por Bruxa Onilda e certas representações que aparecem ligadas, diretamente, ao seu público leitor. Portanto, no momento que os títulos *Bruxa Onilda vai à Inglaterra*, *Bruxa Onilda vai a Nova Iorque* e *As férias de Bruxa Onilda* nos são apresentados, podemos estabelecer uma relação com a ânsia por aventura e por descobrir coisas novas inerentes ao ser humano. Já em *Bruxa Onilda vai à festa*, se evidencia a ingenuidade infantil e a competitividade, também características comuns ao homem, uma vez que a personagem, buscando vencer as competições, faz uso de “trapaças” ingênuas e infantis – com, por exemplo, amarrar um foguete na vassoura para esta andar mais rápido.

Nessa perspectiva, é importante retomar aqui a idéia dos arquétipos apresentada por Carol S. Pearson (1997),¹⁰ quando nos fala que

Cada arquétipo representa uma visão do mundo, bem como diferentes objetivos de vida e teorias sobre aquilo que dá significado à existência. Os Órfãos buscam segurança e temem a exploração. Os Mártires querem ser bons e vêem o mundo como um conflito entre o bem (cuidado e responsabilidade) e o mal (egoísmo e exploração). Os Nômades querem a independência e temem o conformismo. Os Guerreiros lutam para ser fortes, para causar impacto no mundo, e evitam a incapacidade e a passividade. Os magos procuram ser fiéis à sabedoria interior e buscam o equilíbrio com as energias do universo. (PEARSON, 1997, p. 30)

uma vez que tais noções serão retomadas no decorrer desse estudo, buscando traçar o perfil da heroína em cada uma das histórias estudadas.

Nesse sentido, consideraremos os livros *As memórias da Bruxa Onilda* e *A infância da Bruxa Onilda* como momento fundador do herói, dos quais retiramos as primeiras características do herói e que serão retomadas em um segundo momento que, seguindo o mesmo raciocínio, terá como corpus as narrativas que abordam, mas diretamente, as aventuras e trajetórias empregadas pela personagem principal, quais sejam: *Bruxa Onilda vai à festa*,¹¹ *As férias da Bruxa Onilda*,¹² *Bruxa Onilda vai à Inglaterra*,¹³ e *Bruxa Onilda vai à Nova Iorque*¹⁴ que, por terem sido produzidos nesta ordem, possibilitaram a análise do

⁹ BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios)

¹⁰ PEARSON, Carol S. *O herói interior – seis arquétipos que orientam a nossa vida*. São Paulo: Cultrix, 1997.

¹¹ LARREULA, Emric. *Bruxa Onilda vai à festa*. São Paulo: Scipione, 1997.

¹² LARREULA, Emric. *As férias da Bruxa Onilda*. São Paulo: Scipione, 1999.

¹³ LARREULA, Emric. *Bruxa Onilda vai à Inglaterra*. São Paulo: Scipione, 2003.

¹⁴ LARREULA, Emric. *Bruxa Onilda vai à Nova Iorque*. São Paulo: Scipione, 2004.

amadurecimento heróico da personagem, uma vez que é através da superação de cada dificuldade, que o herói constrói sua trajetória heróica.

Buscando identificar o início da jornada percorrida por Bruxa Onilda, recuperamos o que diz Joseph Campbell em seu livro *O herói de mil faces*,¹⁵ quando menciona que a aventura a ser enfrentada pelo herói pode ter início a partir de um erro cometido pela própria personagem, erro esse que desencadeará a aventura a ser percorrida por ela. No caso da trajetória da Bruxa Onilda, podemos identificar, ainda na sua infância, o início de sua primeira aventura que, como já vimos, resultará na volta da personagem ao refúgio e segurança familiar; essa aventura – que consistiu em sua busca, pela cidade, da sua afirmação enquanto bruxa – iniciou quando Onilda tentou realizar um feitiço, mas não obteve sucesso e, como resultado disso, quebrou a bola de cristal de sua mãe. Esse episódio, segundo a pequena bruxinha, resultou na sua aventura depois daquele fracasso, decidi fugir de casa. Deixei uma carta para minha mãe e fui conhecer o mundo. Resolvi que só voltaria quando fosse uma bruxa famosa!¹⁶

Para iniciar a construção da trajetória dessa heroína, analisaremos o livro *As férias de Bruxa Onilda*. Nessa história, a personagem, devido ao calor extremo, decide procurar um lugar fresco e arejado e, no entanto, acaba em uma praia cheia de gente e passando por diversas peripécias. O chamado da heroína ocorre, portanto e desenvolvendo as idéias de Campbell, através de um agente, ou seja, o calor é o responsável por introduzir Bruxa Onilda em sua aventura. Diante das dificuldades enfrentadas pela personagem que, além de se afogar no mar, acaba pegando o esfregão de pano da faxineira do hotel, no lugar de sua vassoura mágica, e, por isso, caindo da janela do hotel diretamente no chão, sendo conduzida para o hospital e, então, vendo suas férias acabarem desastrosamente.

Ao considerarmos os arquétipos apresentados por Pearson (1997), pode-se dizer que em *As férias de Bruxa Onilda*, a personagem principal encontra-se no arquétipo de órfão, isso porque ela vai em busca da sua satisfação imediata, sua problemática é superficial, ou seja, tem calor e busca um local arejado para se refrescar.

Em *Bruxa Onilda* vai à festa, a personagem é convidada por sua prima a participar de uma festa. Aceito o convite, Bruxa Onilda toma parte em uma série de concursos e competição que acontecem durante os festejos. É, durante a festa, após a situação inicial ter sido modificada, ou seja, a personagem abandona seu estado de acomodação – ao receber a carta convite para a festa organizada por uma comissão de bruxos – que podemos estabelecer

¹⁵ CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1997.

¹⁶ LARREULA, Enric. *A infância da Bruxa Onilda*. São Paulo: Scipione, 2002.

o percurso da heroína dentro desta narrativa. Dirigindo-se para a festa Bruxa Onilda decide conhecer novas pessoas e viver novas aventuras.

Nesse sentido, ao considerarmos os arquétipos desenvolvidos por Pearson, temos a Bruxa Onilda desempenhando o arquétipo de nômade, uma vez que busca por novas idéias e realiza suas viagens sozinha.¹⁷

A festa é dividida em partes e cada situação que se apresenta para Bruxa Onilda se constitui, na verdade, de um episódio que deve ser enfrentado pela personagem, objetivando seu crescimento interior. Para Campbell (1997) o herói pode ser aquele que realiza uma proeza espiritual ou, ainda, se pode pensar no herói como aquele que realiza uma proeza física. Nesse sentido, na história Bruxa Onilda vai à festa, a protagonista realiza uma proeza espiritual, que tem como resultado o reconhecimento junto aos seus pares. Essa afirmação é possível uma vez que, dentre todas as peripécias que se apresentam para ela – como na corrida de saco, na qual Onilda tenta ganhar colocando molas em seus pés, o que resulta na sua desclassificação; ou na corrida de vassouras, onde, por colocar foguetes na vassouras, acaba dando quatro voltas ao redor da terra – é somente na última, quando não faz uso de nenhum artifício, que recebe a premiação. A última prova, da qual a heroína participa, é um concurso de beleza, concurso que, além de consagrá-la vencedora, a elege Miss Aiquehorror. Nesse momento da história, a heroína está imbuída do arquétipo de guerreiro que, segundo Pearson (1997), aprende através da competição, da realização, da motivação.

É interessante se pensar aqui, novamente, no fato do herói ser considerado, no presente estudo, como alguém que não, necessariamente, preenche as características do modelo exemplar. No episódio referido anteriormente a heroína – que já se diferencia por ser mulher e bruxa – acaba vencendo o concurso e, portanto, realizando um tarefa, através do contrário, ou seja, no lugar de ser eleita, em um concurso de beleza, por ser a mais bonita, acaba recebendo a premiação por ser a mais feia entre as participantes.

Apesar de considerarmos a proeza realizada pela personagem como algo espiritual, ou seja, uma realização interior, não tendo como objetivo o bem maior da sociedade ou de outras pessoas, as motivações da Bruxa Onilda podem ser vistas como oriundas de fatores externos, uma vez que a necessidade de ser reconhecida pelos demais bruxos é que a conduz através das provas que aparecem na narrativa.

Motivações interiores, mas que se misturam às exteriores, estão presentes em Bruxa Onilda vai a Nova Iorque. Nesse título, o desejo da bruxa de mostrar ao mundo sua fórmula

¹⁷ PEARSON, Carol S. *O herói interior* – seis arquétipos que orientam a nossa vida. São Paulo: Cultrix, 1997.

mágica – que teria o poder de transformação, ou seja, transformar coisas e/ou pessoas em outros objetos e/ou individuais – é que a leva a vivenciar novas aventuras. Essa possibilidade surge em uma Feira Internacional de Bruxologia e Ciências Ocultíssimas que estava acontecendo na cidade americana e, portanto, junto com sua coruja Olhona, a heroína se dirige até Nova Iorque, onde, se as coisas acontecessem como estava esperando, se tornaria rica e famosa. Nesse sentido, o chamado que o herói recebe para a aventura, como nos relata Campbell, acontece pela vontade da heroína, uma vez que é ela, Bruxa Onilda, quem decide ir até Nova Iorque mostrar sua fórmula mágica.

Retomando a questão dos arquétipos, Bruxa Onilda se enquadraria, nesse momento da narrativa, novamente, no arquétipo de nômade, isto porque, como tem a vontade de mostrar sua descoberta, busca o momento e o local onde isto pode acontecer e tem autonomia para seguir em frente e explorar as novas idéias que se apresentam à ela.

É na feira que Bruxa Onilda se depara com a situação primordial de sua visita, ou seja, mostrar aos bruxos ali presentes sua fórmula mágica. Para tanto, a heroína propõe transformar sua coruja, Olhona, nela mesma o que, ao final acaba não acontecendo e, segundo a própria protagonista foi uma decepção enorme, pois queria fazer fama em Nova Iorque e percebeu que não ia conseguir... Nesse momento da história, no entanto, quando Bruxa Onilda resolve voltar para a casa, ainda sem entender como sua fórmula mágica não funcionou, o leitor se depara com a ilustração da cidade de Nova Iorque e, entre os prédios, a famosa Estátua da Liberdade ostentando, no entanto, a silueta da Bruxa Onilda. Nessa passagem temos, mais uma vez, o diálogo entre o texto e a imagem, ficando evidente, para o leitor, que a heroína atingiu seu objetivo, ou seja, não só sua fórmula mágica funciona como conseguiu, certamente, ser famosa na cidade de Nova Iorque.

Saindo da América, em Bruxa Onilda vai à Inglaterra, temos a heroína em uma fase mais evoluída, podemos dizer que, nessa história, a personagem apresenta característica do arquétipo de maga, passando, no entanto, pelos arquétipos de nômade e de guerreiro, no decorrer da narrativa. É importante ressaltar, também, o fato de um herói poder retornar a um determinado arquétipo e, também que cada pessoa [personagem] traça sua rota única através desses ‘estágios’ (...).

Na história, Bruxa Onilda, parte para a aventura atendendo a um chamado evocado por um agente,¹⁸ ou seja, ao escutar no rádio o problema que um casal de lordes ingleses estava enfrentando com um fantasma em seu castelo, decide ir até à Inglaterra, pois achou que seria

¹⁸ Retomando o que dizia Campbell sobre como o herói pode ser chamado para a aventura.

um trabalho interessante. Surge então o arquétipo de nômade, pois parte sozinha, tendo como companheira inseparável Olhona, para Londres e, em seguida, após atravessar alguns percalços, como bater nos ponteiros do relógio Big-Ben, a personagem assume o arquétipo de guerreira, ao se propor a enfrentar o fantasma que assombra o castelo do casal britânico.

Chegando ao castelo, Bruxa Onilda, primeiramente faz uma pesquisa nos documentos da biblioteca e, ali, descobre que possivelmente conhece o fantasma. Assim, quando, durante a noite, ocorre o encontro entre a heroína e o espectro, Bruxa Onilda incorpora o arquétipo de maga, uma vez que reage de maneira racional ao problema, propondo uma solução que agrada a todos os envolvidos, qual seja, convida o fantasma para passar umas férias em sua casa – uma vez que são amigos e há muito não se encontravam. Os lordes, felizes por verem seu problema resolvido, oferecem a recompensa à Bruxa Onilda que, com o dinheiro, propõe abrir um lar para fantasmas aposentados.

A Bruxa Onilda é, então, a heroína

Ao percorrer a trajetória da personagem nas histórias aqui citadas, podemos perceber o crescimento e a evolução de Bruxa Onilda em cada uma de suas histórias, essa evolução, no entanto, fica mais evidente quando consideramos as relações possíveis de serem estabelecidas entre as histórias. .

A personagem, assim como o herói mítico, percorre uma trajetória interior e exterior. É, ao realizar suas viagens – para Inglaterra e para Nova Iorque, por exemplo – que a heroína se volta para o exterior e busca diferentes tipos de realizações. Porém, é também nessas narrativas, que Bruxa Onilda se volta para o seu interior e, nesse momento, busca a afirmação perante seus pares e a concretização de alguns sonhos, desejos.

Bruxa Onilda é uma heroína híbrida, isto porque apresenta características da bruxa tradicional – tem poderes mágicos, realiza feitiços e poções, veste as roupas típicas da bruxa – e, possui, também, características da modernidade – frequenta feiras de ciências, viaja e vive em um mundo globalizado.

A bruxa é uma heroína que vive no terreno do lúdico, porém, suas peripécias estão intimamente ligadas com a realidade, o que facilita a sua identificação com o leitor infantil, uma vez que a personagem é atrapalhada e resolve seus problemas e dificuldades através da magia e, muitas vezes, da esperteza. Bruxa Onilda transita entre o terreno do real e do imaginário, apesar de ser uma bruxa, não pratica o mal e, devido aos acontecimentos ligados ao seu nascimento – o fato de ter nascido fora do dia e do horário previstos – está sempre lutando contra os infortúnios que a vida lhe apresenta.

O presente estudo fez um recorte, ou seja, elegeu um determinado número de título, que considerou significativo e representativo dos aspectos que foram aqui analisados, nesse sentido, podemos considerar que, mesmo que em *Bruxa Onilda vai à Inglaterra*, a heroína apresente elementos que possibilitam sua identificação com o arquétipo de maga, a personagem – uma vez que ainda há produções de suas aventuras – está em constante construção e desconstrução, sempre buscando a realização de proezas que visão a sua afirmação perante a comunidade de bruxos e, também, sua realização interna, uma vez que, como já mencionado na orelha dos livros, e enfatizado nas primeiras considerações deste estudo, *Bruxa Onilda* era a última representante da velha escola de magia.

Como vimos, *Bruxa Onilda* é uma heroína moderna e, em suas aventuras, não tem como objetivo final o bem da sociedade ou a realização de algum feito social. Na verdade, a heroína está em constante busca por sua própria afirmação e realização pessoal.

Referências

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios)

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1997.

LARREULA, Emric. *As férias da Bruxa Onilda*. São Paulo: Scipione, 1999.

LARREULA, Emric. *Bruxa Onilda vai à festa*. São Paulo: Scipione, 1997.

LARREULA, Emric. *Bruxa Onilda vai à Inglaterra*. São Paulo: Scipione, 2003.

LARREULA, Emric. *Bruxa Onilda vai à Nova Iorque*. São Paulo: Scipione, 2004.

LARREULA, Emric. *A infância da Bruxa Onilda*. São Paulo: Scipione, 2002.

PEARSON, Carol S. *O herói interior – seis arquétipos que orientam a nossa vida*. São Paulo: Cultrix, 1997.

VIGOSKII, L. S. *La imaginacion y el arte em La infancia*. Madrid: Akal, 1982.